

# EM BUSCA DO MENINO PERDIDO: AS MEMÓRIAS POÉTICAS DE MURILO MENDES

\* Vania Vasconcelos

*“Olhamos para nuvens e dizemos que se assemelham a um rebanho de ovelhas / porque cada um de nós é o pastor que perdeu as ovelhas no subconsciente.”*

*(Marin Sorescu)*

## Resumo

A maneira de narrar e de lembrar sempre disse muito sobre as sociedades. Aquelas que viveram o tempo das varandas nas quais se passavam as histórias de uma geração para outra; o mundo das histórias em volta das fogueiras, compuseram o tempo da tradição, caracterizado pela troca ou o relato da experiência. O nosso século praticamente extinguiu este narrador e, portanto, esta tradição. O narrador moderno, homem solitário, mas ainda com a antiga necessidade de partilhar sua experiência e conhecer a alheia, usa o livro, e no livro, a narrativa memorial por excelência para realizar o ritual do contato da troca. O memorialista, longe de buscar a fidelidade absoluta dos fatos, procura sim, colocar a marca do seu estilo e a letra de seu tempo no texto que produz. Quando talento literário que constrói o texto vai além do registro, através da linguagem poética, imprime tal literariedade ao mesmo que eleva-o ao grau de obra de arte. A memória poética tem portanto esta marca singular: a arte como pressuposto.

La manera de narrar y de recordar siempre dijo mucho sobre las sociedades. Aquellas que vivieron el tiempo de las abuelas en que se pasaban las historias de una generación para otra; el mundo de las historias en torno de las hogueras, compusieron el tiempo de la tradición, caracterizado por el cambio o el relato de la experiencia. Nuestro siglo prácticamente ha extinguido este narrador y, por lo tanto, esta tradición. El narrador moderno, hombre solitario, pero todavía con la antigua necesidad de compartir su experiencia y conocer la ajena, usa el libro, y en el libro, la narrativa memorial por excelencia para realizar el ritual del contacto del cambio.

El memorialista, lejos de buscar la fidelidad absoluta de los hechos, sí que busca poner la marca de su estilo y la letra de su tiempo en el texto que produce. Cuando el talento literario que construye el texto va más allá del registro, a través del lenguaje poético, le imprime tal literariedad que lo eleva al grado de obra de arte. La memoria poética tiene por lo tanto esta marca singular: la arte como pressupuesto.

## OS NARRADORES DA MEMÓRIA E A MODERNIDADE

A atividade memorialista está relacionada ao desenvolvimento e transformações que os narradores da humanidade sofreram em estilo e função. Por muito tempo o conteúdo básico das narrativas era o MITO, ou seja, as representações das crenças e dos valores coletivos, apresentados através das criações que continham muitos elementos de ficção coletiva. A oralidade marcava tal narração, que continha o registro de fatos mesclados às fantasias da comunidade. Walter Benjamin representa dois grupos de narradores arcaicos através das figuras do *camponês*, que aglutinaria sem sair da cidade a tradição mítica do seu povo e do *marinheiro*, que traria de longe as experiências de outras realidades. Estes narradores caracterizariam-se basicamente pelas soma de suas vivências pessoais ao imaginário coletivo. A existência concreta destes narradores torna-se impossível no mundo moderno, causando o que Benjamin chamou de *atrofia da experiência*. No entanto, aspectos deles continuaram representados nos narradores modernos. Se pensarmos, por exemplo, em como estão representados em personagens ou mencionados, como influência formadora, os contadores de

\* Aluna do Mestrado em Letras da Universidade Federal do Ceará.

estórias da infância, representantes do modelo do camponês-narrador nas obras, por exemplo, de Pedro Nava, Lobato ou Lins do Rego ou de como o modelo do marinheiro-narrador, viajante, colecionador de estórias e culturas, está bem representado nas trajetórias pessoais de alguns de nossos maiores escritores, tais como: João Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto ou memorialistas como Murilo Mendes e Pablo Neruda, entenderemos sua permanência.

O desenvolvimento do mundo burguês, ou seja, o início da chamada era moderna, trouxe como uma das características marcantes a setorização das funções e idéias. A difusão da linguagem escrita (imprensa) criou a imagem do leitor isolado, modificando a relação de quem conta com seu receptor. As áreas ligadas à informação separam-se cada vez mais da imaginação, exigindo ambas, ficção e documento, critérios próprios de análise e construção. A partir deste afastamento, coube apenas ao historiador e seus afins a narração dos dados objetivos da experiência humana. É a categoria do narrador historiador, caracterizado pela investigação da verdade precisa dos fatos.

Por outro lado, a evolução do romance, enquanto categoria literária, passando pelas fases das temáticas míticas, do seco realismo até a exaustão das estratégias estruturais do novo romance, levaram o gênero a um impasse e, na sua própria história, puseram em questão a distinção antes exigida tão rigidamente entre ficção e documento. A partir do questionamento feito por Philippe Lejeune do chamado “*espaço autobiográfico*”, ou seja, a dimensão documental do autor na sua ficção e a relativização dos limites entre percepção e imaginação nos textos que continham as “*escritas do eu*”, tem-se uma nova dimensão do significado da subjetividade do texto. O romance, cansado das investidas dos jogos de linguagem, do questionamento metalinguístico obsessivo e os textos de caráter autobiográfico, centrados apenas no enfadonho trabalho documental encontram num texto ambíguo, que casa a ficção romanesca com a memória da experiência, uma alternativa esteticamente superior. É o espaço da memória, onde o narrador trabalha com a recordação.

O caos urbano, instaurado pela Modernidade, criou também o homem solitário, constantemente em busca da identidade.

A tendência globalizante da informação moderna, que uniformiza cada vez mais culturas diferentes e, a transformação do indivíduo num anônimo, nas absorventes metrópoles, faz crescer a necessidade da definição das identidades de cada comunidade e de cada indivíduo. O homem moderno busca no baú de suas recordações e no tecido cultural da experiência coletiva, que lhe é própria, a identidade. Nessa busca, acaba por construir um produto estético peculiar ao nosso tempo e um narrador que utiliza diversas estratégias perseguindo, na recordação, a reestruturação.

O texto memorialista, permitindo a recuperação de memória-identidade, realiza a recuperação do subjetivo, bem como sua projeção no campo social, fazendo também uma reflexão histórica do seu tempo-espaço, reintegrando o sujeito fragmentado pela vida moderna ao seu papel social de

produtor de idéias. Juntando a reflexão do passado com sua experiência presente e mais suas projeções de futuro, o sujeito tem uma perspectiva não de passado, mas uma perspectiva atemporal de autor que pode reinventar os tempos, num olhar único.

A tarefa de equilibrar o peso do *eu* no texto, tomando uma distância que possibilita a existência da alteridade, evitando assim o tom autoritário da única verdade e distinguindo o *eu* do discurso, da figura do escritor não é tarefa fácil, alcançável por todos que se ousam no campo do texto memorialista. O escritor Pedro Nava, que tão magistralmente conseguiu nas suas memórias tal equilíbrio, afirmou em entrevista ao *Jornal do Brasil* em 1982 “Falo de mim como se falasse de outro”. É esta consciência do caráter literário na construção do texto da memória que eleva o tom da narrativa para o plano estético da arte.

Assim o texto de caráter autobiográfico resgata a reminiscência não mais miticamente como Scherazade, mas através da construção ficcional, onde entra a uma maior problematização das relações.

O texto literário atua, muitas vezes, como referencial complementar da existência histórica, atuando em campos de produção intelectual para suprir vácuos deixados por outros setores (a sociologia, a psicologia, a antropologia...) devido a limitações dos seus corpus, que a arte, lidando no terreno da invenção, pode ousar preencher.

Não é por acaso, portanto, que tivemos no Brasil, a intensificação dos textos de caráter autobiográfico no final dos anos 60 e na década de 70, preenchendo um vácuo criado pelos anos militares e atendendo a um público “carente de memória”. O Memorialismo no Brasil, desde aí, cumpre uma dupla função: a afirmação de uma subjetividade e a expressão de uma coletividade reprimida. Ainda quando não privilegiou a memória dos anos políticos, essa escrita memorialista marcou a descrição da formação de uma geração de escritores fundamentais na nossa “política literária”. Deixaram-nos suas memórias poéticas, por exemplo, os modernos Oswald, Drummond e, sua memória epistolar, Mário de Andrade. Outro moderno, cuja essência poética se definia exatamente pela variedade ou experimentação, deixa-nos um texto memorialista que guarda as marcas de uma veia inovadora: É ele, Murilo Mendes, cujo livro “*A Idade do Serrote*” foi publicado em 1968, quando vivia em Roma.

## **EM BUSCA DO MENINO PERDIDO: O BAILARINO QUE DANÇA SOBRE OS ABISMOS**

Nestas memórias, a Minas da infância e da adolescência de Murilo é mediatizada pela trajetória do poeta múltiplo e maduro e pela longa experiência cultural que acumula nos mais de vinte anos de Europa. Neste livro estão os vários tons do estilo renovador da escritura muriliana, que tem como marca de amplitudes, desde o uso do poema-piada ou paródia até o surrealismo e a temática religiosa, de profundidade. Além desta característica, empresta um caráter próprio a estas memórias o fato de serem elas memórias poéticas

daquele que, segundo Antônio Cândido, é o mais “radicalmente poeta” da literatura brasileira, pois só escreveu em versos ou, como em alguns trechos da memória, numa prosa-poética.

Adepto da modernidade, cuja traço estava definido na experimentação com que desenvolveu sua poética, nunca se enquadrando numa escola ou ideologia fechada, Murilo tinha a atitude rebelde combinada a uma forte tradição de mineiridade, que trazia uma peculiar ambigüidade à sua obra. João Cabral de Melo Neto, define essa marca da origem em Murilo a partir do poema seguinte:

### Murilo Mendes e os Rios<sup>1</sup>

“Murilo Mendes, cada vez  
que de carro cruzava um rio  
com a mão longa, episcopal,  
e com certo sorriso ambíguo,  
reverente, tirava o chapéu  
e entredizia na voz surda:  
Guadalete (ou que rio fosse)  
O Paraibuna *te saluda* .

Nunca perguntei onde a linha  
entre o sério e a ironia  
do ritual: eu ria amarelo,  
como se pode rir na missa.

Explicação daquele rito,  
vinte anos depois, aqui tento:  
nos rios, cortejava o Rio,  
o que, sem lembrar, temos dentro...”

(João Cabral de Melo Neto - Agrestes)

Suas memórias são memórias da infância e da adolescência e voltam-se para as influências afetivas e intelectuais, bem como para os “estranhamentos” das pessoas e acontecimentos da Juiz de Fora do início do século, numa atmosfera de sonho fantasmagoria pessoal.

### MEMÓRIAS MINEIRAS E MINERAIS

“A autonomia relativa de Minas oitocentista expressa no universo rural e um tanto rústico da fazenda de caráter autosuficiente, abriu espaços para às invenções da tradição, vivendo-as como se fossem eternas.”

“Os memorialistas de Minas possuem o sentimento marcante de sua origem.”<sup>2</sup> Esta “marca da origem” manifesta-se não só na obra memorialista, mas em diversas manifestações da poética mineira.

Drummond revela-a em vários poemas, e Murilo também, destacando-se porém sua visão barroca dos lugares e personagens de “Contemplação de Ouro Preto”, através da qual leva sua imagem mental de Minas à Europa, que era então sua morada. É Drummond quem nos traduz esta característica mineira de agarrar-se às suas tradições, mesmo geográfica e temporalmente distante delas, através do poema *Prece de Mineiro no Rio*<sup>3</sup>

“Espírito de Minas, me visita  
e sobre a confusão desta cidade,  
onde voz e buzina se confundem...  
Não te sinto o soprar da azulada serra  
onde galopam sombras e memórias  
de gente que, de humilde, era orgulhosa  
e fazia da crosta mineral um solo humano...  
Desprendido de imagens que se rompem  
a um capricho dos deuses, tu regressas  
ao que, fora do tempo, é tempo infinito...”

Esta “marca” acaba por definir diferenças fundamentais nas escritas memorialistas mineiras e nordestinas, pois, enquanto esta se concentra nas contradições sociais que caracterizam a região, acabando por realizar uma memória de denúncia social, aquela se volta para a perda (ou tentativa de recuperação) dum passado glorioso, voltando sua escrita para as representações da tradição familiar. No entanto, como nos alerta Antônio Cândido no seu texto “Poesia e Ficção na Autobiografia”, os mineiros conseguem inserir um tom de universalização mesmo nestes textos que seriam, a princípio, particulares, realizando assim um avesso do que seria uma autobiografia estritamente individualista. De maneiras diferentes, porém, os modernos memorialistas mineiros são marcados por suas cidades.

Murilo, Nava e Drummond são marcados por suas cidades. Juiz de Fora está presente nas primeiras linhas da memória naviana “Eu sou um pobre homem do caminho novo das Minas dos matos gerais.”<sup>4</sup> Nava descreve minuciosamente a cidade, seu físico, seu comportamento. É analítico e documental.

Já em Murilo não teremos sequer uma visão panorâmica. A cidade, como seus habitantes são pontuados a partir dos aspectos que marcaram a formação do poeta, numa atmosfera ora surrealista, ora formalmente narrativa: “Juiz de Fora naquele tempo era um trecho de terra cercado de pianos.”<sup>5</sup>

<sup>1</sup> NETO, João Cabral de Melo. *Agrestes*. In *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994, p. 551.

<sup>2</sup> ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. “*Minas: Tempo e Memória*”. In *O Eixo e a Roda* - Revista de Literatura - Minas Gerais: UFMG, 1988, p. 25.

<sup>3</sup> ANDRADE, Carlos Drummond. “*Prece de Mineiro no Rio*”. In: *Uma província: esta - Antologia Poética* - Sétima Edição - Rio de Janeiro 1973 - Ed. Sabiá, p. 65.

<sup>4</sup> NAVA, Pedro. in *Baú de Ossos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

<sup>5</sup> MENDES, Murilo. in *Idade do Serrote*. Rio de Janeiro: Eddit. Sabiá, 1968, p. 09.

Drummond revela as marcas fortes da sua origem em vários poemas ao longo de sua obra, como por exemplo em “Confidência de Itabirano”, em que ele diz “Principalmente nasci em Itabira / Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.”<sup>6</sup>

## AS MEMÓRIAS DO POETA

O gênero lírico traz na sua essência o sentido confessional. Nele o artista realiza o desnudamento dos sentimentos, camuflados, porém, pela figuração poética. É comum entre os poetas a revelação da busca de si próprio através da poesia. Citemos: “Em que espelho ficou perdida a minha face?” (Cecília Meireles); “Escondi-me numa concha no fundo do mar, mas esqueci-me em qual / Cotidianamente desço às profundezas e cõo o mar por entre os dedos a ver se dou por mim.” (Marin Sorescu - poeta romeno); “... E de repente apareceu no meu rosto um rosto estrangeiro e era também eu mesmo.” (Pablo Neruda). Também a matéria autobiográfica é muito comumente tema de construção poética, como no poema *Pré-história*, de Murilo Mendes, onde esta matéria não é uma revelação clara, linear, mas camufla-se nas imagens surrealistas da sua poesia do livro *O Visionário*:

### Pré-História

“Mamãe vestida de rendas  
Tocava piano no caos.  
Uma noite abriu as asas  
Cansada de tanto som,  
Equilibrou-se no azul,  
De tonta não mais olhou  
Para mim, para ninguém!  
Caiu no álbum de retratos.”

Segundo Antônio Cândido o toque da poesia já dá ao texto uma abrangência e universalização superior, trazendo para uma espécie naturalmente particular como a memória um valor estético singular. De fato, Murilo aproveita-se de cenas e personagens da infância para cuidar poeticamente de temas de sua preocupação como a formação intelectual, os valores da sociedade, os limites entre lucidez e loucura ou entre a realidade e fantasia. Como Nava, ora transforma personagens reais em personagens das artes de todos os tipos, mediando seu texto com referências às artes plásticas e à música, ora traz personagens de sua fantasia para as narrações, criando uma atmosfera nebulosa.

São memórias de poeta, daí a ausência da preocupação com a minúcia, existente, por exemplo, nas memórias navianas. Neruda nos alerta em suas memórias, também de poeta, que as vidas do poeta são muitas, referindo-se talvez a multiplicidade de assuntos ou aspectos aos quais o poeta

realmente se “entrega” e “integra” e não apenas observa ou “fotografa”. Ele nos diz:

“As memórias do memorialista não são as memórias do poeta. Aquele viveu talvez menos, porém fotografou muito mais e nos diverte com a perfeição dos detalhes; este nos entrega uma galeria de fantasmas sacudidos pelo fogo e a sombra de sua época.”<sup>7</sup>

As semelhanças entre as memórias de Murilo e Neruda começam, no entanto, na própria biografia, pois os dois poetas são do início do século, Murilo de 1901 e Neruda de 1904 e ambos tiveram nas madrastas a imagem do “anjo tutelar.”

“Meu pai, grande coração comunicante. Servidor público. Do próximo Minha Mãe, afeiçoada ao canto e ao piano, morre de parto com vinte e oito anos. Torna-se constelação. Minha segunda mãe, Maria José, grande dama de cozinha e salão, resume a ternura brasileira. Risquei do vocabulário a palavra madrasta.”

(Murilo Mendes - Idade do Serrote.)

“Ali havia um retrato de minha mãe. Era uma senhora vestida de negro, delgada, pensativa. Escrevia versos, mas nunca os vi. Meu pai havia se casado em segundas núpcias com D. Trinidad Marverde, minha madrasta. Parece-me incrível ter que dar este nome ao anjo tutelar de minha infância. Era dirigente e doce, uma bondade infatigável.”

(Pablo Neruda - Confesso que Vivi)

Mas é a imprecisão periódica com relação aos fatos narrados e a prioridade dada a tudo que marcou sua formação e emoção de *poeta* que liga as duas memórias. É comum aos dois também mergulho no mundo da arte, desfazendo os limites dos dois mundos. Neruda afirma “A vida e os livros pouco a pouco vão me deixando entender mistérios esmagadores” e Murilo “A mitização da vida cotidiana enriquecem meu tempo e meu espaço, tirando-me o apetite para os trabalhos triviais...” Assim, ambos se referirão àqueles que os iniciaram no universo literário, como o poeta Dom Augusto para Neruda ou Belmino Braga e o primo Néelson para Murilo Mendes.

## A IDADE DO SERROTE

A estrutura do livro é irregular, variando o tamanho dos capítulos de acordo com o tratamento que o tema pede. Assim, há capítulos pequenos, compostos de apenas algumas frases nominais e outros com longas narrações.

Os temas aos quais o poeta empresta maior poeticidade são os ligados à emoção ou à arte. A presença do poeta, diluída na gênese humana do texto bíblico. Os fatos são assim trazidos à tona, filtrados pela reflexão do poeta maduro, dono de várias técnicas e duma profunda convicção religiosa:

<sup>6</sup> ANDRADE, Carlos Drummond. “Confidências de Itabirano”. In *Antologia poética*. 7ª ed. Rio de Janeiro, 1973, Editora Sabiá, p. 85.

<sup>7</sup> NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi* - 11ª edição - Rio de Janeiro: DIFEL, 1980, p. 01.

“O Dia, a noite.

Adão e Eva — complementares adversativos

Meus pais: Onofre e Elisa Valentina, Adão e Eva descendentes.

A multiplicação dos pais - A multiplicação dos peitos  
A multiplicação dos pães - A multiplicação dos pianos.

O jardim-pomar da casa paterna, limite traçado ao meu incipiente saber. O sabor das frutas. A árvore da ciência do bem e do mal ao meu alcance.”

(Murilo Mendes - A Idade do Serrote)

No primeiro momento das memórias as passagens autobiográficas não passam de frases poéticas, às vezes com imagens surrealista que remetem às primeiras descobertas:

“As primeiras letras. As primeiras lutas. Perto do colégio uma serraria.”

“Primeiros instrumentos hostis: serra, serrote, machado, martelo, tesoura, torquês: via-os por toda a parte, símbolos torcionários.”

“Captava com ar mais sonso do mundo, notícias de Eros.”

“Passagem do cometa de Halley. A subversão da vista. A primeira idéia do cosmo.”

(Murilo Mendes - A Idade do Serrote)

“Longe de recorrer a um discurso homogêneo, melodicamente desenvolvido, Murilo ajusta-o estruturalmente ao tema e à circunstância.”<sup>8</sup>

(Antônio Cândido - O.C.)

Alguns capítulos constam de muitos períodos nominais, como vimos acima, com frases independentes; outros, especialmente os que tratam dos personagens que marcaram a infância do menino, já poeta, são longos trechos narrativos, às vezes de três páginas, onde se delinea uma personalidade ou se discute um tema.

Os capítulos de “personalidades” são formados por grupos de pessoas ligadas a formação do poeta, seja pela afetividade; referência cultural ou estanhiza.

#### —SEBASTIANA—

“A infância senta-se nos meus joelhos ou nos peitos pretos de Sebastiana? Sei que pais ou avós dela vieram da África, então é sempre noite na África e meu pai diz que bobagem, pelo contrário, faz um sol medonho na África...”  
“É do leite que vêm as histórias que é ela nos adormece, talvez eu ainda não entendesse o que é torre, nem madrastra, nem varinha de condão, nem princesa encantada...”

#### —ALMANAJÓS—

“O ar dá tiros. Fecham-se portas, janelas, forma-se um vuvu dentro de casa e lá fora; irrompe no meio da rua, bêba-

do, Amanajós... grandão, sinistro, olhar de copa e espada, nu da cintura para cima, de bigode, amplas entradas, assemelha-se a uma larga figura de homem no quadro “Le cervau de l’enfant” do primeiro Chirico.”

(M. Mendes - I.S.)

#### —PRIMO NÉLSON—

“Primo Néelson, possuído pela paixão da literatura, começou a existir para mim no dia da morte de Tolstoi. Chegou lá em casa brandindo um jornal; emocionado, exclama: “Tolstoi morreu!”

“Durante anos fui íntimo de Primo Néelson. Na minha adolescência ele me fazia a explicação crítica de páginas dos seus autores prediletos; recorria também à prata da casa - José de Alencar, Machado de Assis, Alberto de Oliveira, Castro Alves. Contava-me ainda histórias, lendas chinesas e hindus...”

(M. Mendes - I.S.)

“Outras vezes, utiliza cenas da infância para discutir temas fundamentais na sua visão de mundo, como no capítulo “CONFISSÕES”, onde ele nos revela sua manifesta aversão a qualquer espécie de coerção..

#### —CONFISSÕES—

“O confessorário: escuro que nem ventre de baleia, não disponho da técnica de Jonas a mover-me ali, o confidente mal enxerga a casa do confessor... já não podemos gozar a delícia do segredo: devemos comunicá-lo a outrem... padre Solano, alemão, vermelho, duro; martela energicamente a palavra pecado... aperta o saca-rolhas das perguntas, em particular as relativas ao sexto mandamento, minuciosas, estatísticas... Só muito tempo depois aprendi com dois teólogos beneditinos, que a confissão se define como um reconhecimento da divindade de Jesus Cristo.”

“No fim das contas o torcionário usando naquela operação saca-rolhas, o serrote, a torquês, o martelo das palavras, tornou-se-me sem o saber muito útil, passei a odiar por tangência a qualquer espécie de tortura; digo mais, o uso abuso da tortura me faz desconfiar que o homem foi criado a dessemelhança de Deus.”

(M. Mendes - I. do S.)

Outro aspecto ressaltado por Antônio Cândido nas memórias murilianas e que também conta, sem narrar um aspecto marcante de sua vida: a convivência constante com outras culturas, está na mistura idiomática que faz em alguns trechos... Segundo Antônio Cândido, neste procedimento temos “o toque de insólito que universaliza, ao extravasar de um âmbito lingüístico menor para um maior.”

“Compreenderam tudo num baleno.”

“Meu estômago ou intestino urla ursa nina ulula”

“eu sentia por Teresa una voglia matta.”

<sup>8</sup> CÂNDIDO, Antônio. *Ficção e Poesia na Autobiografia*. In *A Educação pela Noite e Outros Ensaios*. São Paulo. Ática. 1987, p. 58.

—O OLHO PRECOCE—

“Ainda menino eu já colava pedaços da Europa e da Ásia em grandes cadernos. Colava também fotografias de estrelas e planetas, de um ou outro animal e plantas.”

“Cedo começou minha fascinação pelos dois mundos, o visível e o invisível.”

“Deus passou a ser para mim, não o corregedor da moral, o severo guardião da lei, mas o SER infinitamente variado na sua unidade, capaz de todas as metamorfoses, criador da imaginação...”

“Assim o universo em breve alargou-se-me. A mitização da vida cotidiana enriqueceu meu tempo e meu espaço, tirando-me o apetite para os trabalhos triviais...”

“O olho armado me dava e continua a me dar força para a vida.”

(Murilo Mendes - Idade do Serrote)

“Saudamos Murilo

Grande poeta

Conciliador de contrários

Incorporador do eterno ao contingente”

(Manuel Bandeira)

**BIBLIOGRAFIA**

ANDRADE, Carlos Drummond de: *Antologia Poética: 7ª Edição* - Rio de Janeiro Ed. Sabiá 1973

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. “*Minas: Tempo e Memória*”. In “O Eixo e a Roda” - Revista de Literatura - Minas Gerais: UFMG, 1988.

CÂNDIDO, Antônio. *Educação pela Noite e outros ensaios*. São Paulo. Ática, 1987.

MORAES, Alexandre Marinho. *Memória e Sujeito na Modernidade. In Anais do 2º Congresso ABRALIC - Vol. III* - Belo Horizonte, 1990

MENDES, Murilo. *Idade do Serrote*. Rio de Janeiro: Ed. Sabiá, 1968

NERUDA, Pablo. *Confesso que Vivi* - 11ª edição - Rio de Janeiro: DIFEL. 1980.

NETO, João Cabral de Melo. *Agrestes*. In *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar. 1994.

ZAGURY, Eliane. *A escrita do eu*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: INL, 1982.